



OFICINAS DE BONECAS AFRICANAS, NA COMUNIDADE DO GESSO

Ana Cecília Gomes Pereira¹
Universidade Regional do Cariri

Rysleiry dos Santos Ferreira Gonçalves²
Universidade Regional do Cariri

Charlie Renatti da Silva³
Universidade Regional do Cariri

Rosiane Oliveira da Silva⁴
Universidade Regional do Cariri

Josefa Janicy Ferreira da Silva⁵
Universidade Regional do Cariri

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar as experiências vivenciadas através da execução das oficinas Bonecas Africanas: estudando a história afro-brasileira e africana através da arte. As oficinas foram desenvolvidas a partir do Programa de Extensão “Ciclos de Arte e Cultura da Urca”, que seleciona projetos autorias de estudantes, e que são desenvolvidos junto a comunidade externa da Universidade, estando à frente da coordenação, a Professora Dra. Cecília Maria de Araújo Ferreira. Assim, as oficinas Bonecas Africanas foram realizadas no ano de 2023, mais precisamente entre os meses de junho a dezembro e a localidade escolhida para as atividades, foi a Comunidade do Gesso, no Crato, em que as ações contemplaram o público infanto-juvenil.

Palavras-chave: Bonecas Africanas 1. Étnico-racial 2. Experiências 3. Comunidade 4.

¹ Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA): Email: cecilia.gomes@urca.br

² Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA): Email: rysleiry.goncalves@urca.br

³ Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA): Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Afro-diaspórica/GEPAFRO. Email: Charlie.silva@urca.br

⁴ Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (CAPES/URCA). Email: rosiane.oliveira1616@urca.br

⁵ Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (CAPES/URCA). Email: josefajanicy.ferreira@urca.br



1. INTRODUÇÃO

O ensino de história e cultura afro-brasileira e africana se torna obrigatório com a lei 10.639/03, que completou 20 anos em 2023. Assim, nota-se um avanço na educação brasileira, visto que, o desenvolvimento da lei tem a proposta como política educacional de inserir o debate sobre igualdade racial, além da valorização da diversidade étnica, cultural, religiosa e regional do povo brasileiro, principalmente da população negra. Embora a inclusão de conhecimentos sobre a educação das relações étnico-raciais represente um avanço político importante, ainda se tem observado no currículo escolar um tratamento desigual na escolarização da população negra (Passos & Santos, 2018).

Percebe-se a importância de trabalhar a temática para além da sala de aula. Portanto a oficina Bonecas Africanas: estudando a história afro-brasileira e africana através da arte, surgiu com o objetivo de estabelecer algumas interações existentes na cultura brasileira e que foi herdada pelo contato com o Continente africano. Logo, a construção manual das bonecas feitas com jornais, junto a imersão literária de autores e autoras negras, se tornou o ponto central da oficina. Os encontros para a confecção e o estudo bibliográfico foram realizados com crianças e adolescentes de 10 a 17 anos, na Sede do Coletivo Camaradas, que é uma organização não governamental com forte atuação na comunidade do Gesso, no Crato. O projeto fez parte do Programa de Extensão da Universidade Regional do Cariri, desenvolvido em 2023.

Assim, o objetivo desse projeto é apresentar as experiências e vivências que aconteceram no percurso das oficinas Bonecas Africanas: estudando a história afro-brasileira e africana através da arte. Dessa maneira, para entender os desafios e os novos olhares que se lançam sobre o processo de aprendizagem, incluindo as questões étnico-raciais, tivemos a contribuição como embasamento teórico de Stuart Hall (1990), que trata sobre identidade e como é formada a partir de determinada Cultura. Trazendo abordagens também centradas na construção da identidade étnico-racial.

2. DESENVOLVIMENTO

O espaço escolhido para o encontro das oficinas, foi a sede do Coletivo Camaradas, que se identifica como "uma organização política, de esquerda, de caráter marxista, com atuação no campo das artes, da cultura de base comunitária e na organização popular e congregando pessoas de várias áreas do conhecimento."⁶ (LUCAS, 2021). Podendo perceber a interação entre a organização e o local, o que facilitou a manutenção da oficina no espaço, sendo os principais participantes, crianças e adolescentes da própria comunidade. Logo, para além de uma construção de aprendizagem, foi se constituindo uma ligação de afeto com os participantes.

As oficinas aconteceram uma vez por semana, contando com um público de 10 a 15 participantes. Além do uso de uma rica bibliografia trabalhada em que se destacava escritores e escritoras negros(as), que podemos citar nomes trabalhados como: Adilson Moreira, Patrícia Santana, Conceição Evaristo e demais nomes relevantes de intelectuais e escritores(as), em que se buscou sobretudo vivências e representatividades presentes nos materiais, sendo fundamentais para o diálogo

⁶ LUCAS, Alexandre. O Coletivo Camaradas e seu laboratório social. Vermelho: a esquerda bem informada, 11 jun. 2021. Disponível em: O Coletivo Camaradas e seu laboratório social - Vermelho. Acesso em: 27 fev. 2024.



que as oficinas tinham como busca. Além disso, o outro momento se dava para a confecção manual das bonecas, que eram feitas com jornais e tintas, e que também era trabalhada principalmente a figura da mulher negra, empoderamento e uma análise social, econômica e histórica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências das oficinas realizadas, buscou fazer o diálogo a partir de leituras e do artesanato, tendo em vista a necessidade de promover a igualdade e o respeito à diversidade étnico-racial. Além disso, a importância de reconhecer e trabalhar as vivências dos integrantes, que em grande maioria são moradores da Comunidade do Gesso. Logo, possibilitou uma percepção mais sensível de temas que atrelam as desigualdades históricas, partindo do lugar social dos mesmos.

A bolsa de extensão, permitiu portanto, trabalhar aspectos sociais que são vistos dentro da universidade, dialogando de forma concreta com os espaços sociais. Evidenciando a necessidade do contato entre o meio acadêmico e coletivo. Portanto, a importância de discutir a questão étnico-racial em outros espaços, além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

GOMES, N.L. **A questão racial na escola:** desafios colocados pela implementação da lei 10.639/03. In: MOREIRA, A. F. CANDAU, V.M (org) **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 67-86 . Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=GOMES%2C+N.+L.+A+quest%C3%A3o+racial+na+escola%3A+desafios+colocados+pela+implementa%C3%A7%C3%A3o+da+Lei+%EF%BB%BF+10.639%2F03.&btnG=#d=gs_qabs&t=1710695384026&u=%23p%3DmskarPR-zYsJ

HALL, Stuart. Identidade Cultural e diáspora. Tradução: Regina Afonso. **Comunicação & Cultura.** Nº 1, p. 21-35, 2006. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360/10020>

LUCAS, Alexandre. **O Coletivo Camaradas e seu laboratório social.** Vermelho: a esquerda bem informada, 11 jun. 2021. Disponível em : [O Coletivo Camaradas e seu laboratório social - Vermelho.](https://vermelho.org.br/o-coletivo-camaradas-e-seu-laboratorio-social-vermelho/)

Passos, J., & Santos, C. (2018). **A educação das relações étnico-raciais na EJA:** Entre as potencialidades e os desafios da prática pedagógica. Educação em Revista, 34. Disponível em: [https://doi.org/10.1590/0102-4698192251.](https://doi.org/10.1590/0102-4698192251)